EDITORIAL

As palavras de abertura desse Editorial:

" *Ojapo. Omombe'u mba'eichapa oho*".

Essas palavras significam "O fazer; O contar de como foi", em Guarani-Kaiowá. São palavras simbólicas e de grande importância, que trazem consigo o significado daquilo que na língua portuguesa expressa no futuro do pretérito; são as palavras pelas quais esse Editorial da Revista Entre-Lugar se inicia; palavras que abrem o segundo número de 2019, a vigésima edição. Com essa vigésima edição, a Revista Entre-Lugar, completa dez anos desde seu primeiro número, publicado no primeiro semestre de 2010. No Editorial do primeiro número consta:

> Estamos aqui apresentando, com satisfação e grandes expectativas, o primeiro número da revista Entre-Lugar.
> O nome com que se batizou esta revista é decorrência da situação locacional do curso/cidade a que está vinculada: o programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Este se encontra na faixa de fronteira, no Estado do Mato Grosso do Sul (Br), o qual possui, portanto, a condição fronteiriça como parametrizadora de suas características identitárias. (Os editores – Entre-Lugar v.1, n.1, 2010)

Passada essa década pode-se dizer que as expectativas daquele primeiro número foram alcançadas, e, ouso escrever, que as fronteiras imaginadas foram ultrapassadas. Hoje a Revista Entre-Lugar se demonstra capaz de atrair contribuições de pesquisadores de todo o Brasil, conta com a colaboração de consultores, pareceristas *ad hoc,* de diversas áreas da Geografia. Nesses dez anos de sua existência mais de uma centena de artigos foram publicados, os quais tem contribuído com debates de temas que integram a Geografia brasileira.

Para além dos indexadores e as métricas qualitativas que hoje a Revista possui, observa-se que esse Entre-Lugar pensado se tornou um território fértil para a exposição, para o plantio, de ideias, pensares e ações. É essa riqueza, essa pluralidade, que torna esse Entre-Lugar, um espaço tão importante e de fomento à pesquisa geográfica.

A vigésima edição, composta por oito artigos inéditos, uma entrevista e uma resenha, se inicia com um texto do professor Eliseu Savério Sposito, "As Geografias que me fizeram", um texto autobiográfico no qual fica claro seu caminhar e suas escolhas epistemológicas, e mesmo técnicas, ao longo de mais de quatro décadas dedicadas a produção do conhecimento geográfico. Ler o texto é conhecer um fragmento importante da Geografia brasileira, e, por que não dizer, suas influências.

Os dois artigos seguintes foram escritos por pesquisadores do Mato Grosso do Sul e resultam de pesquisas e atividades desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFGD. "A formação e resistência das comunidades quilombolas no município de Corumbá – MS", de autoria de João Batista Alves de Souza e Edvaldo César Moretti, desvela e revela o contexto dos territórios quilombolas no estado; aponta, nas palavras dos autores os "significados políticos, econômicos e sociais das comunidades quilombolas, sobretudo suas formas e seus sinais de resistência, tendo como cenário central a produção de alternativas de sobrevivência". "Por fronteiras dobráveis no limiar da linha entre o Brasil e o Paraguai", Regerson Franklin Santos, Márcio Nolasco Leite e Beatriz Vera, tratam de outra área fronteiriça de Mato Grosso do Sul, mas, da mesma maneira que o anterior, analisam grupos vulneráveis, nesse caso a comunidade Guarani-Kaiowá. A riqueza das informações de campo e a análise do "(entre)lugar" marcam a escrita dos autores. O resumo, escrito também na língua Guarani-Kaiowá, abre um espaço dos mais importantes e, quem sabe, no futuro publiquemos um texto bilíngue (português / Guarani-Kaiowá) completo.

Os textos que se sucedem foram escritos por pesquisadores do Piauí, Sergipe, Minas Gerais e Paraná. O cenário piauiense é tema do artigo "Propriedades térmicas do solo na sub-bacia hidrográfica do rio Gurguéia-Piauí-Brasil", de Livania Norberta de Oliveira e Cláudia Maria Sabóia de Aquino, que busca colaborar com a proposição de ações "sustentáveis para a região que pertence a atual fronteira do agronegócio brasileiro", a área de MATOPIBA. Aqui, por analogia, o Entre-Lugar se aproxima, MS-PI, tornam-se fronteiras contíguas no processo analítico.

O Entre-Lugar mineiro se faz presente nos textos "Chuvas em Uberaba/MG: um estudo sobre a ocorrência de eventos extremos" e "O conforto térmico como dimensão do habitar em conjuntos habitacionais: o caso do Parque das Águas I em Juiz de Fora –

MG", escritos, respectivamente por, Cléo Maycon Viana Paz, Fabio de Oliveira Sanches e Ricardo Vicente Ferreira, e, Thiago Alves de Oliveira, Lilian Aparecida Souza, Cássia de Castro Martins Ferreira e Clarice Cassab. Ambos retratam a importância dos estudos de clima urbano e sua correlação com a produção do espaço urbano brasileiro. A experimentação e a técnica marcam esses dois estudos.

Com escopo semelhante, também um estudo de clima urbano, se tem "Análise episódica da proliferação do aedes aegypti e sua relação com o campo térmico de Paranavaí (PR)" de Thiago Kich Fogaça, Francisco Jablinski Castelhano e Francisco de Assis Mendonça. Em um Brasil cada vez mais marcado por um Entre-Lugar de ocorrência de "epidemias provocadas pelo mosquito Aedes aegypti, principal transmissor da dengue, Zika e da febre Chikungunya", o estudo ganha importância, significância e contemporaneidade.

A linguagem fílmica, a aproximação da arte-realidade, é retratada no texto "Transespaço da floresta: a cosmopolítica yanomami através de um filme", o qual "busca construir a ideia de um transespaço" marcado por "discursos interétnicos" que demonstram a importância da floresta e do território para os yanomami. O Entre-Lugar aqui surge na interlocução e nas linguagens, nas possibilidades de análise, uma convergência com as "fronteiras dobráveis" e a realidade guarani-kaiowá de Mato Grosso do Sul.

A vigésima edição conta com a entrevista do professor Antônio Carlos de Barros Corrêa, pesquisador da UFPE, e, atualmente Coordenador Adjunto de área (Geografia) na CAPES. Uma entrevista que desvenda sua trajetória, seu processo de formação, sua compreensão do passado-presente-futuro da Geografia brasileira. Aqui em primeira pessoa registro o prazer que foi fazer e ler a entrevista. Que ela, entrevista, possa ser lida pelos jovens geógrafos, que possam compreender a importância da universidade pública e da pesquisa no processo de formação. E, nessa aproximação de tempos, a edição termina com a resenha do livro "A cidade no século XXI segregação e banalização do espaço" escrita por Anderson Aparecido Santos da Silva, um geógrafo em formação que consegue, na sua escrita, demonstrar as relações existentes no Entre-Lugar da teoria e práxis da análise.

Aos que chegaram até aqui, nossos agradecimentos. Aos(As) autores(as) e consultores(as) dessa edição agradeço o interesse, por enviarem seus textos e contribuírem com a Revista Entre-Lugar, por acreditarem na qualidade e no trabalho realizado pela equipe editorial. Especial agradecimento ao amigo Paulo Fitz que fez a revisão, a editoração e a diagramação dessa edição, e, a Júlia Mansur Costa que, conjuntamente com Bruno de Souza Lima, elaboram a capa. À Editora da UFGD agradecemos pelo suporte técnico e o apoio institucional.

Como sempre, que o conhecimento científico seja sempre aquele a descortinar o achismo e a ignorância, aquele a eliminar os dogmas. Que a poesia, a literatura, a arte e outras formas de expressão nos ajudem a ir além da lógica e da racionalidade, para com isso sermos mais humanos – inclusive para compreendermos com clareza a importância e o papel da Ciência.

Uma boa leitura a todos e até breve.

Charlei Aparecido da Silva
Editor - Dourados (MS)

Verão de 2020, tempos chuvosos, às vezes com nuvens escuras, pesadas, mas, como disse o poeta: "*O pior dos temporais aduba o jardim.*"

Trecho de "Ninguém Vive Por Mim" de Sérgio Sampaio